

A infância dos movimentos sociais no Brasil

NESTA teoria de três estágios dos movimentos sociais — descontentamento, politização e ação — creio que o Brasil de hoje adentra, de modo muito gradual e parcial, no primeiro estágio. Até o momento, não surgiu nenhum movimento com propostas alternativas acompanhadas ou não de violência. O que tem ocorrido, de forma episódica, são as manifestações coletivas tumultuosas, como explosões de agressão, voltadas para a destruição, mas sem programa de reconstrução: esses foram os casos do quebra-quebra da construção civil em Belo Horizonte (agosto de 80); de invasões de terra em Goiás (maio de 1981); do quebra-quebra dos ônibus em São Paulo (fevereiro de 1983); do tumulto de abril em São Paulo (abril de 1983); dos saques aos supermercados no Rio de Janeiro (setembro de 1983).

O PT (Partido dos Trabalhadores) parece ter certa predileção por tais manifestações, embora seja impossível atribuir ao PT a causa única daqueles distúrbios. O Governador Brizola, por outro lado, parece ter preferência não pelos tumultos episódicos, mas sim pela organização de um movimento social mais amplo e que requer:

(1) o *marketing da esperança*, ou seja, a disseminação da idéia de que os problemas do Brasil são remediáveis;

(2) a *potencialização do inconformismo*;
(3) a *difusão de um programa político* nas regiões de menor tolerância.

Na prática, entretanto, sua ação tem-se concentrado, até o momento, no *marketing da esperança*, enquanto que a própria crise tem cuidado de diminuir a tolerância do povo, nas regiões mencionadas.

A conversão para os movimentos sociais tende a ser espontânea e rápida. A conversão, porém, deve ser vista como um ponto culminante de uma longa e inconsciente virada ideológica. É como o aparecimento da ponta de um grande iceberg. A conversão vai ocorrendo na medida em que o indivíduo vai encontrando no movimento social experiências gratificantes e inexistentes em seu próprio quadro de referência. Isso provoca o reexame de seus valores e da sua própria herança cultural. Ele verifica que (1) os velhos valores já não mais respondem às suas aspirações e necessidades e que, (2) os novos valores se mostram capazes de reduzir grande parte de suas dissonâncias (ver Toch, H., *The Social Psychology of Social Movements*, New York: Bobs-Merril, 1965). Assim é que se precipita a conversão e a massificação do movimento social e se justifica a base normativa de uma violência política — se necessário for.

Além disso, há os que aderem ao movi-

mento social por modismo e influência externa, sem muito comprometimento com a ideologia ou com o programa do movimento. A proporção dos modistas não é pequena. Gabriel Almond, por exemplo, descobriu que 75% dos convertidos ao comunismo na Europa o fizeram antes de ter lido uma só peça de Marx, Engels ou Lenin (Almond, Gabriel, *The Appeals of Communism*, Princeton: Princeton University Press, 1954, p. 101). O mesmo é apontado por Arendt em relação a várias outras formas de totalitarismo, especialmente o nazismo (Arendt, H., *Origins of Totalitarianism*, New York: Harcourt, 1954).

Neste ponto, convém considerar o papel que as manifestações coletivas desempenham na edificação dos próprios movimentos sociais. A separação que até aqui apresentei tem mais finalidade didática do que prática. Na realidade, as manifestações coletivas podem ocorrer no contexto dos movimentos sociais ou como resultado deles. É muito frequente a aceleração da formação de um movimento social a partir de repetidas multidões e tumultos dispersivos.

Por exemplo, a greve de 21 de julho baseou-se na disseminação do medo entre a população de São Paulo. Os panfletos do dia 20 diziam: não saia de casa amanhã, compre comida hoje, retire o dinheiro do banco, não

deixe seu filho ir à escola, etc. O objetivo difuso era simplesmente o de protestar sem propor alternativa. A greve em si foi muito mais uma manifestação coletiva — que só não gerou tumultos devido à ação policial — do que de um movimento social. Mas, a se repetir, greves desse tipo podem se transformar em importantes peças de apoio na formação de um movimento social.

Na minha opinião, acho que mobilizações desse tipo têm probabilidade crescente de ocorrer no Brasil de hoje, na medida em que o desemprego e a inflação avançarem nas áreas de menor tolerância social como Rio, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. A repetição continuada de tais mobilizações, como disse, constituem elementos simbólicos importantes para a formação de um movimento social de natureza política, hoje incipiente. Neste sentido, a divisão de trabalho atualmente praticada pode ganhar importância para o futuro. Refiro-me ao Lula, cuidando da mobilização, e ao Brizola, preparando o programa da reconstrução.

Até o momento, o instrumento mais amplamente utilizado para prevenir o tumulto e a expressão de movimentos sociais tem sido o gás lacrimogêneo. A apreensão, a angústia e a incerteza que se apossam de todos nós e o sofrimento objetivo que atinge

a parcelas tão grandes de nossa população estão a funcionar como solapadores da tradicional tolerância e cordialidade brasileiras.

É verdade que temos quatro séculos de cultura a segurá-las. É verdade também inexistir, no momento, um movimento social organizado. Ainda estamos no estágio do descontentamento. Mas é não menos verdade que a expectativa da população dos grandes centros urbanos cresce em favor da atenuação da pobreza e desigualdade. O que significa dizer, a atenuação da enorme diferença que ainda persiste entre as remunerações do capital e do trabalho.

O enfrentamento da crise talvez venha a nos servir para corrigirmos nossa contraditória trajetória histórica. Toda crise tem seu lado bom. Oxalá o país venha enfrentar a crise com um rearranjo negociado das nossas riquezas internas. Essa seria uma fórmula para caminharmos em direção a um capitalismo humanizado com a preservação dos valores da liberdade e da livre iniciativa. É dispondo de alguns anéis hoje que poderemos ter nossos dedos amanhã. Tudo o mais será fantasia.

José Pastore é professor da Universidade de São Paulo e assessor do Ministério do Trabalho. Esta palestra foi apresentada na Escola Superior de Guerra no dia 8, sob o título Estamos perto da conclusão social?